

Um percurso que nos mostra parte da história da língua galega e um achegamento ao ensaio *Problemas da Língua galega*, que Ricardo Carvalho Calero publica em 1981 na editora de Lisboa Sá da Costa.

Texto Alexandre Banhos Campo + Foto Nós Diário

A História clínica da nossa Língua na Galiza

Debulhando o pensamento de dom Ricardo Carvalho Calero

Uma das afirmações recorrentes de Carvalho era insistir que nós e a nossa língua tínhamos uma história clínica.

Quando começa? Pois quando uma certa normalidade, que no reino do norte já levava algum tempo em problemas, -perdida a Corte do reino-, esse lugar, onde segundo a primeira gramática da nossa língua, a de Fernão de Oliveira 1536, as palavras se cozinham e acham o brilho.

Como foi a Galiza virarmos dous reinos: a cousa é simples, Portugal é a criação indireta de Gelmirez, a melhor cousa que ele fez. Galiza sem Portugal seria um espaço como o do asturoleonês.

Na Galiza, nesse espaço de entre o Ortegal e Douro, nasceu a nossa língua, que é a nossa criação mais original, e verdadeira alma coletiva do nosso povo. A cabeça do território era Braga. Foi-no da província romana da Galiza. Logo do reino dos galegos (*galaeciorum regnum* 411). Logo de novo do reino da Galiza etc. E a Braga cabeça civil, virou como cristã cabeça da Galiza e como tal continuou até 1495, além de se converter na cidade primaz de Portugal.

Compostela foi uma criação motivadora da Hispania, frente ao domínio muçulmano A Sé do bispo não se estabeleceu em

Compostela até passados mais de 200 anos. Porém vinha recém de se estabelecer e caiu nas mãos de quem era bem ambicioso e sonhava com dirigir, como Sé apostólica, toda a península. Que a ambição era peninsular temo-la no facto de quando ao nené Afonso, sob a sua tutela, o proclama rei da Galiza, também o faz de Toledo. E Braga cabeça é com certeza o primeiro espaço para ele ocupar, a Braga da que dependia, logo viria Mérida, e tentaria Toledo...

As manobras, da nova sé de Compostela (Gelmirez) para ocupar a posição da sé de Braga (Paio), deu lugar a um conflito que acabou na divisão do reino em dous. A divisão, não foi obstáculo para Braga conseguir manter, -desaparecido Gelmirez- a cabeça religiosa de muitas entidades, instituições e sés religiosas da Galiza até 1495.

O território ao norte usufruiu para o seu reino o nome de Galiza. O território ao sul, tomou o da velha cidade galega *Portus-Cale*.

No reino do norte, Compostela era muita cousa, e ela e a sua ideologia o *compostelanismo*, seguiam com uma só aspiração, governar a península. Em 1230 falece o nosso rei Afonso VIII, e frente ao seu testamento -norma legal obrigada-, e que era oposto a união com Castela, manobra Compostela e Castela



(ante o papa) para que a unidade, com um rei galego, da casa dos Reimundez, se produza. Bem que nos fornece os dados Emílio Gonzalez Lopes de como as sés que dependiam e obedeciam Braga se opunham a Compostela, e eram maioria, estavam no grupo inclusas Samora e Oviedo.

Isso foi grande sucesso do Compostelanismo, até a lírica em língua galega mandavam na Corte de Castela.

Porém o jogo peninsular acabava por colocar à Galiza compostelã na periferia e pronto novas elites reais não ligadas a Galiza assenhoreariam o reino de Castela.

A nossa experiência clínica

No primeiro de março de 1476, tem lugar em Toro, a batalha mais decisiva para o futuro da península ibérica e para a nossa história. Para o reino do norte quase mortal, para o

reino do sul, lá esteve a semente da sua ocupação por quem levava a coroa de Castela em 1580. Nessa batalha dá-se a virada da coroa de Castela para Aragão. (Os catalano-aragoneses pensavam que fizeram bom negócio... E que isso de tanto monta monta tanto, era um sério projeto de futuro)

Após essa batalha Galiza sofre dura guerra de castigo que se prolonga por bem anos. O país é destruído a fundo. Sabiades que Ourense, repetidamente atacada, só foi submetido após um cerco de 11 meses, e que Ponferrada custou-lhe também muitos meses o submeter-lhe aos castelhanos...

Era a chamada guerra de Doma e castração (Na crónica deles): Para a Galiza foi: Destruição da sua economia, proibição das relações económicas internacionais que havia, destruição da sua nascente burguesia. Aos aristocratas (classe

especial Carvalho Calero

Ricardo Carvalho Calero.



PÁXINAS PATROCINADAS



dominante) são: Derrubados os castelos, ajustiçadas, (Pardo de Cela, Alvares Osório (Conde de Lemos)...), outros fogem e instalam-se em Portugal, e os mais são tirados do reino para a Corte. Não é casual que Andaluza e Castela estejam hoje em dia cheias de títulos de origem galega. A igreja e as ordens religiosas que ainda dependiam de velha capital da Galiza, Braga, passam a depender de Valholid, e os cargos religiosos (o poder conformador do consenso ideológico), passam todos para elementos castelhanos. Desaparecem os galegos do aparato da administração e da justiça na Galiza. Há galegos em postos de responsabilidade civil e religiosa, mas sempre fora do seu solar pátrio, na Galiza só nas vagas de inferior categoria, ordenanças;. E isso durou até último quarto do século XIX. E a Galiza reino, se lhe retira o voto e participação nas cor-

tes da monarquia de Castela, e num processo de humilhação ao nosso povo, verdadeiramente inacreditável, os seus votos e representação nas Cortes são entregues à cidade de Samora.

A documentação toda da Galiza era em galego. Mas agora declaram que só vão valer as escrituras dos escrivãos da escola de Toledo. Dizem alguns, que a nossa língua não se proibiu. Mas quem sabia ler e escrever? Os religiosos, os aristocratas, os burgueses. E onde iam aprender agora e com quem, etc.. Não sumiu a nossa língua por vontade dos galegos se não por imposição. A Galiza tornou-se agrafa, e as novas realidades lhe chegam na língua do poder, o castelhano. E pouco a pouco vão apagando a nossa história dos carros e carros de documentos que existiam na nossa língua, de que falava Sarmento, como se fossem um sonho. Ainda que a nossa Língua, é a língua falada e vivida polo cento por cento do nosso povo.

Em meados do século XIX renasce para a literatura uma língua estigmatizada, minorizada, banida das instituições e hostilizada pelo Estado. Popular e realmente falada, a língua galega começará a ser posta ao serviço dum movimento cultural.

E como escrevem? Da única maneira que sabem, aliás a única forma que podiam conhecer. O agrafo galego passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e única língua verdadeira. Entre as intenções do programa linguístico dos primeiros promotores da língua *regional*, de nenhum modo se encontrava a de concorrer com a língua *nacional*, cuja hegemonia estava fora de causa. Aliás isto se passou em mais lugares, por exemplo nas Astúrias, Sardenha etc.

Desde inícios do século XX, sectores da comunidade linguística galega transgredirão

normas imemoriais, e abrirão brechas em altos muros, passando a fazerem servir o galego como instrumento do discurso público e da ação política.

Murguia – Portugal manteve a nossa língua cuidada e protegida e além disso converteu-na na do Brasil. Antom Vilar Ponte: Quanto mais galego for o galego, mais português ele é. Leandro Carré: O português é o nosso mesmo idioma. Joham Carvalheira: A unificação ortográfica com o português é fulcral. Afonso Castelão: O galego é extenso e útil. Eu desejo que o galego se confunda com o Português. Irmandades da Fala: Temos que pôr as bases para convergirmos na ortografia com o português, *ortografia que é a nossa histórica e original*. Seminário de Estudos Galegos: Galego é português são a mesma língua.

Foram três décadas animosas e febris, férteis, que enveredavam por novos caminhos. Porém o levante militar fascista de 1936 cortou isso com feroz eficácia.

Escrever e meter a língua no traje da imposta por quem te domina e aliás é a única que se conhece, é o natural. Porém se um for livre isso é absurdo. Eis um exemplo: O galeguíssimo território do Couto Misto, em palavras de Garcia Manhã, foi o último naco incorporado à Galiza 1864, e após um referendo reclamado por Portugal, no que 860 pessoas votaram se unirem com Portugal e 1 com Espanha. Diz Garcia Manhã: Não entendo como ali nunca escreveram em galego sendo eles bem galegos. Sem reparar ele, que para escrever o *galego*, cumpre antes uma cousa, haver recebido o castelhano...e até lá não chegara.

Os remédios de Carvalho para a nossa sanção

Carvalho começava por exprimir esta sentença: ou o galego é galego-português ou é galego-castelhano. E o galego-castelhano é

muito forte na adesão da sub-comunidade linguística nossa no estado à comunidade castelhana, e é liquidador da comunidade galego-portuguesa. Para o galego-castelhano qualquer cousa que for castelhana pode-se passar por galega, mesmo por isso, por ser castelhana, e ao ser a língua imposta ao cento por cento da população, converte-se em língua teito e elemento de correção dos utentes do galego-castelhano.

Em 1981 Carvalho publica na editora de Lisboa Sá da Costa, o livro *Problemas da Língua galega*. Ele exprime na sua contorna de reintegracionistas e de amigos, que ao intitular enganou-se, pois ele tinha que o haver intitulado. "Problemas do português da Galiza". Pois para Carvalho o nome não deve ser causa de confusão, e o termo galego representa mais a nossa afirmação de formarmos parte do subconjunto Espanha, que da realidade linguística, cultural e nacional que somos. Para ele, a nossa língua, como língua internacional extensa e útil, tem a diversidade interna que é comum a qualquer uma das línguas internacionais que há no mundo.

A ele fazia graça, o problema de muitos com o jota... Custa de entender para esses, que não teriam problema os falantes de castelhano em usarem na nossa língua (e topónimos...) o som jota (g+e,i), como ele é, se eles não estivessem tão inseridos no universo da norma castelhana, que chegam a adotar o som do castelhano ao falarem na língua da Galiza. Se houver um mínimo de normalidade, a pronuncia castelhana dessa letra, daria riso.

Carvalho pensava que Espanha não sente a Galiza, como algo que lhe é consubstancial é próprio. Se isso for assim: Espanha amaria a nossa língua, reconheceria o direito a viver-

mos nela. Nem confundiria o conhecimento do castelhano com o direito dos castelhanos a serem atendidos na sua língua na Galiza de jeito universal, simples exercício de imposição. As relações com Portugal: meios, TVs... seriam o normal e não impedidas como estão.

Carvalho tendo em conta a "história clínica da língua". Ele, como Presidente da Comissão oficial de elaboração das normas da Língua galega (1980, Boletim Oficial de Galicia -pre-autonómica- núm 6), propõe na altura umas normas consensualizadas de mínimos de reintegração no modelo histórico, e nas que todos pudessem se sentir bem cómodos e ir avançando segundo as necessidades e a sua consolidação a começar pelas universidades etc. Mas foram por Espanha banidas. Como se viu, havia nelas o assalto aos nossos muros da subalternização espanhola.

Que diria hoje Carvalho do sucesso da normalização: Pois que sob a pretensa normalização da língua da Galiza, sempre inacabada, as autoridades espanholas apresentam a língua nacional carente de qualquer sentido de utilidade e expurgada da sua dignidade e da sua condição de ser uma das línguas europeias de maior difusão internacional, usada em todos os continentes, que com a variedade própria das línguas internacionais é falada por centos de milhões de pessoas no mundo. Que enquanto se reforça continuamente o fator da utilidade e a correspondente necessidade da língua castelhana; para a língua da Galiza, as políticas reduzem-na, a um sentimento carente de utilidade e necessidade, o que a faz perceber como uma escolha na intimidade privada e sentimental, despida do que é a realidade das línguas: Uma criação coletiva que se vive socialmente e como tal é necessária e útil.